COLEÇÃO PROARTE LITERATURA

MÁRCIA OLIVEIRA

DEDICATÓRIA

CULTURA
Edições
Governo do Estado

COLEÇÃO
PROARTE
LITERATURA

Dedicatória

GOVERNADOR DO AMAZONAS
Omar Aziz

VICE-GOVERNADOR DO AMAZONAS
José Melo

SECRETÁRIO DE ESTADO DE CULTURA
Robério Braga

SECRETARIA-EXECUTIVA
Elizabeth Cantanhede
Mimosa Paiva

DIRETOR DO DEPARTAMENTO DE LITERATURA
Antônio Ausier Ramos

CULTURA
Secretaria de Estado
Av. Sete de Setembro, 1546
69005-141 – Manaus-AM-Brasil
Tels.: (92) 3633-2850 / 3633-3041 / 3633-1357
Fax.: (92) 3233-9973
E-mail: cultura@culturaamazonas.am.gov.br
www.culturaamazonas.am.gov.br

Márcia Oliveira

Dedicatória

Copyright © Secretaria de Estado de Cultura, 2012

Coordenação Editorial
ANTÔNIO AUSIER RAMOS

Capa
ROBERTO LIMA

Projeto Gráfico e Diagramação
GRÁFICA ZILÓ LTDA

Revisão
SERGIO LUIZ PEREIRA

Normalização
EDIANA PALMA

Catalogação da Fonte

048d Oliveira, Márcia Souza de.

Dedicatória / Márcia Souza de Oliveira. – Manaus: Governo do Estado do Amazonas – Secretaria de Estado de Cultura, 2012.
44p. ; 14x21cm. (Coleção Proarte Literatura).

ISBN 978-85-65409-13-1.

1. Literatura brasileira. 2. Poemas Amazonenses. I. Título. II. Série

CDD 869.1
CDU 821.134.3(81)-1

Somos um Amazonas cheio de orgulho da nossa gente, de nossas raízes, de nossa extraordinária vida cultural. Cada vez mais vamos investir no grande potencial da nossa cultura, na capital e no interior, com o foco na geração de oportunidades para novos talentos.

Omar Aziz

Mensagem proferida pelo governador Omar Aziz à Assembleia Legislativa do Estado do Amazonas em fevereiro de 2011.

SUMÁRIO

A mulher 11
Ponte da cachoeirinha 13
Praça do congresso 15
A língua 17
Praça da saudade 19
Floresta amazônica 21
O peixe 23
Teatro amazonas 25
O calor 27
Praça da matriz 29
Encontro das águas 31
Amarelinho 33
O índio 35
Prosamim 37
Amazônia 41

APRESENTAÇÃO

Quando surge um novo poeta encantado com a floresta, que se põe a cantar e decantar aquilo que vê diante de si, rodeado de florestas e águas muitas, salta ao coração a vontade quase incontida de ler e declamar essa nova poesia em voz alta, fazendo ressoar pela terra o anúncio da nova era.

É que poeta é sempre um ser especial. Delicado. Assim parece ser Márcia Souza que nos brinda com o seu *Dedicatória*, escolhido e premiado pelo Proarte – Programa de Apoio às Artes, e muito bem escolhido. É uma poesia que fala das nossas coisas: da mulher cabocla; da ponte de ferro da Cachoeirinha; da praça do Congresso; da praça da Saudade; do peixe; da floresta; do Teatro Amazonas; e até do calor manauense.

Antes de Violeta Branca tivemos o privilégio de outras mulheres se dedicando à poesia, bem sei, mas ela marcou seu tempo pela audácia com a qual se apresentou e por ter sido eleita por Péricles Moraes para a nossa Academia de Letras. A se transformou em marco e referência. A poesia de Márcia Souza não reproduz Violeta, mas tem a marca do seu tempo, do nosso tempo, e procura traduzir o jeito de viver dos manauenses e o que são os recantos mais tradicionais de Manaus.

Este livro de poemas inaugura para a autora uma oportunidade de mostrar seu trabalho, é estímulo e realização que as Edições Governo do Estado, um selo que já publicou mais de seiscentos títulos, tem a satisfação de oferecer aos leitores ávidos por temas amazônicos, seja no conto, no romance e na poesia.

Robério Braga

A MULHER

Conto da cabocla

Quando o homem nascia das plantas
Álago, grande índio guerreiro
Filho de um pé de buritizeiro
Se apaixonou por uma estrela branca

Diferente de toda a constelação
Ela não surgia quieta e inerte
Era uma rara visão celeste
Ligeiro lume na escuridão

Conhecendo ele tamanha vaidade
Que não tinha instante para passar
Toda noite sentava a esperar
Aquele súbito raiar de felicidade

Queria ver exatamente
Onde sua amada pousaria
Para montar numa ventania
E encontrá-la frente a frente

Quando ela surgia enfim
Álago não podia piscar
Conseguia malmente balbuciar
"Ah, se tu como mim..."

E antes de calar o dito
Ela já tinha deixado o céu
Sem nenhum rastro do véu
No lugar onde tinha descido

Assim foi até uma noite de lua nova
Quando enlouquecido de paixão
O índio arrancou seu coração
E jogou a ela como prova

"Tu como mim!" – deu um brado
A estrela escutou surpresa
E com toda delicadeza
Pareceu descer num lago

Álago subiu no vento norte
Voou mais rápido que a bela luz
Chegou à margem do Purus
E de súbito levou o bote

Uma criatura na proa da canoa
Tinha no corpo o balanço do rio
Pele feita da terra varonil
Olhar de onça, espírito de leoa

Na cabeça, fios de caroço de tucumã
Caíam, tocando as pontas de duas flechas
Escondendo atrás das mechas
A seiva de um outro amanhã

Era a planta de um novo pé
Para Álago, sua estrela sem roupa
Era enfim a espécie cabocla
A primeira criatura mulher

Ela entregou o coração do guerreiro
Que, sem piscar, só conseguiu dizer:
"Tu como mim", sem perceber,
No fundo do céu um lume ligeiro.

PONTE DA CACHOEIRINHA

Olhando daqui

Tudo passa
Um homem que já não existe
A pressa de chegar ao destino
O cansaço da labuta
Tanto o rico quanto o pobre
Um casal apaixonado
A lágrima de quem perdeu
E a lágrima de quem venceu
Amigos de momento
Alguém que quer se jogar
O entusiasmo da juventude
A família em falência
Gargalhadas despreocupadas
Quem anda e quem corre
O cortejo fúnebre
A dúvida sobre o caminho a seguir
Ideias para transformar o mundo
A busca pela vingança
O desespero do desempregado
As frases de caminhão
Aquele que foi e aquele que será
O ontem e o agora

O que fica
A elevação da alma
O silêncio das dores
A impressão de sermos deuses
O gozo nos olhos
A história para contar
Certa loucura
A fuga do cronos
A pergunta: Como?
O desejo de ser eterno
A pequenez do corpo
Um vazio ao redor

O lamentar pelos cegos
O dizer pelos mudos
A vontade de gritar mais alto
O encontro com o impossível
A recordação de tempos felizes
Um cantarolar nos lábios
A certeza da perfeição
Um sentimento de plenitude
A felicidade de poder voltar
O medo da morte
Já que a vida é isso
Uma passagem
Uma linda ponte.

PRAÇA DO CONGRESSO

Protesto

Povo manauara, permita-me um manifesto
Ou qualquer debate que leve à reflexão
Como esses que se veem em mim
Pelos quais não cobro ingresso
Com alto patamar de discussão
Encerrados em violão e tamborim

O tema será "Meu nome deve mudar"
Assunto que há muito me inquieta
Vou explicar e você há de entender
Por que me sinto fora do lugar
Quando alguém pergunta que praça é esta
E o ouvinte se dispõe a responder

Não tenho cara de chata
Não sou cansativa
Tampouco cheia de formalidades
Portanto, sem querer ser ingrata
Ou depreciativa
Vou dizer na lata:

Praça do Congresso
Esse nome nada tem a ver comigo
Sou aberta, despojada, alternativa
Sou para quem estiver por perto
Mas tenho sim um melhor amigo
Por isso tomei a iniciativa

Ele está sempre à minha volta
Conversando, namorando, estudando
Comendo, batucando, acontecendo
Na entrada, intervalo e saída se solta
Só na hora da aula não fica passeando
Senão o ano letivo acaba perdendo

É por ele que faço esse protesto
Quero me chamar *Praça do Estudante*
Vamos lá, meu amigo, levante a faixa!
Ato justo, merecido e honesto
Congresso não mais, *Praça do Estudante*!
Povo manauara, o que você acha?

A LÍNGUA

Amazonês

- Tu já vai, já, maninho?
- Égua, té muito agoniada, né?
- Não sou não, tu que demora quissó!
- "Tu que demora quissó..."
- Tá me arremedando, é, pomba-lesa? Rum! Peraí...
- Lá vai começar... Calma, mulher, tu conhece a tia?
- Num te faz besta não, Chico, tu sabe que o kikão vai no tapa!
- Vai meeeermo...
- Tá cum graça é, gaiato? Se acabar, tu vai dar teus pulos pra achar!
- Vô meeeermo...
- Qué já vê a onça beber água, né?!
- Marrapaz... se fosse pelo menos um peixinho, uma sopa com farinha...
- Te manca, caritó! Por isso que tá assim, todo amarelão empambado!
- Tu sabe que eu não me amarro em kikão, né, Maria?!
- Ulha já... Deixa de ser abestado, Chico, a gente inda vai fazer o rancho!
- Tão vumbora, te deixo lá e capo o gato pro mercado!
- Viiiixe, tá muito arretadinho pro meu gosto, tô só te manjando...
- Bora embora, Maria, agora tu que tá cum leseira...
- Sei muito bem qualé o peixe que tu quer pegar, confiado! Pensa que eu não vi a Esmerúndia toda enxerida pro teu lado?
- Té lesa, é?! Té parece... Olha, vai acabar o kikão...
- Quero mais ir pra canto nenhum não! Num tem peixe nem sopa, mas tem farinha até o tucupi, vamo ficar é aqui mermo, vô esquentar o chibé...
- Eu, hein, toda zé...
- Tisperou.

PRAÇA DA SAUDADE

Aparecida

Como sinto tua falta, ó praça querida
És a lembrança de um tempo de ouro
Tuas flores, teu bosque, teus segredos
Foste Diva de uma vida sem medos
Tua beleza me livrou de todo agouro
Pois em ti conheci Aparecida

Quantas tardes de prosa ensolarada
Tantas equações deixei de aprender
Dos mestres lembro mal o vulto
Mas não tome isso como insulto
Arrependimento não há em meu ser
Nem tem por que, praça enamorada

Tua Geografia guardo ainda de cor
Tua e da donzela Aparecida
Casta até oito de dezembro
Quando no teu mais secreto assento
A dama deixou de ser pudica
E me deu ali o seu suor

Em teu vale vi plebeus e pensadores
A criança de conversa com o pombo
Tirei retrato no parquinho domingo
Vi o Trem da Alegria indo e vindo
O homem com sua amada no ombro
E Aparecida sem mais pudores

Porém, o tempo te tomou de mim
Como tomou Aparecida
Esta para sempre, ó lágrima cortante
Sozinho, fiz do vinho acompanhante
À espera da bela adormecida
Dessa história que não terminaria assim

Foi então que o céu se rompeu em luz
Em espanto, encanto e interjeições
Tu voltavas parecida arte grega
Na noite que te coroou realeza
Rainha de todas as praças e calçadões
E a louvar-te para sempre me pus

Hoje, sem o assento da mocidade
Aceno com o balanço desta cadeira
Para quem vai ao teu encontro
Sentindo algo que me deixa tonto
Talvez a comoção derradeira
Que, como tu, se chama saudade.

FLORESTA AMAZÔNICA

A cura

Em algum lugar da Amazônia, existe a cura para a sua doença
Na raiz da planta, no tronco da árvore, na folha ou no fruto
Na carne do peixe, na unha da onça, na vacina ou na crença

Câncer, lúpus, diabetes, hepatite, mal de Parkinson, alergia
Uns correm pra igreja, outros pro pajé, muitos pra ciência
Se antes consultassem a floresta, tudo se resolvia

Nos confins da Amazônia, onde a vida é imortal
Se esconde a cura para as chagas deste mundo
O milagre que vai fazer do homem o ser ideal

Bom pai de família, marido fiel
Amigo de todos e de si mesmo
Nunca mais réu

Uma semente e lá se vai o antídoto contra a dor
Contra o ódio no coração, contra a guerra
A miséria, a violência, contra o mal do desamor.

O PEIXE

Desafio

Desafio você a descobrir
Qual o peixe mais gostoso daqui
Pacu, bodó, sardinha ou tambaqui

Pacu é gordo e oleoso
E também muito saboroso

Bodó é feio que dá medo
Mas faz você lamber o dedo

Sardinha é tão pequenininha
Que se engole até a espinha

Tambaqui é o nosso caviar
Mas um ruelo também dá pra enganar

A caldeirada é uma atração à parte
No Canto da Peixada e por toda a cidade

Ainda tem a delícia do pirarucu
Temperado no limão, tira todo o pitiú

A matrinxã assada com baião
Recheada com verdura, na brasa ou no fogão

O surubim, a pescada, o curimatá
Ao molho da pimenta que não pode faltar

Mas pra acabar com essa conversa
A voz do povo é o que interessa
Bom mesmo é o peixe confiado
Aquele tal que virou ditado

Meu pai é uma prova
Que o dito não é lorota

Com farinha ou tucupi
Pode acreditar
Quem come jaraqui
Não sai mais deste lugar.

TEATRO AMAZONAS

Os fantasmas da ópera

Senhoras e senhores, palmas
Não há morte para os gênios
Aqueles que fazem seu destino
Fazem-no para sempre
Os gênios não morrem
Ficam loucos e se escondem
Não no túmulo, como os mortais
Mas nas profundezas do que amam
Senhoras e senhoras, calma
Não se assustem nem se vão
Apenas batam palmas
Depois silêncio
Wagner dorme no quarto andar
Durante o festival de ópera
Ninguém ocupe o primeiro lugar
É reservado ao nosso caro Heitor
Com suas bachianas a cantarolar
À hora nona, fechem as cortinas
Não por Beethoven
Bach também se apraz na reclusão
Enquanto Carlos Gomes nas alturas
Se perde em sua Glorificação
Viva as belas-artes
Música, dança, tragédia,
Um tributo ao Guarani
Por favor, não pisem na grama
Em todas as estações
Depois da meia-noite
Vivaldi vagueia pelo jardim

No nobre salão barroco
Nada de decotes indecorosos
Despertando o convite de Ravel
Para boleros suntuosos
Evitem deixar as máscaras cair

Verdi, Molière, Rossini, Chopin,
Aristófanes, Ésquilo e o mestre Mozart
Ficariam furiosos a ponto de partir
O pano de boca pintado à mão
Montagem do Encontro das Águas
Não foi nem irá a leilão
Tchaikovsky recebeu de Crispim
Como o Lago dos Cisnes tupiniquim
Porém a maior atenção
Deve ser na hora da visita
Para não esbarrar em Beethoven
Com sua pena na mão
Andando errante pelos corredores
À procura da inspiração
Se alguém o encontrar
Pode dar-lhe um aviso
Ela descansa sob o lustre de Veneza
Onde Shakespeare escreve
A segunda parte de Romeu e Julieta
Que se passa aqui
No único teatro do mundo
Protegido por uma cobra
Onde todos os gênios
Aplaudidos de pé
Têm vida e obra.

O CALOR

Sua Amazona

É mentira que o sol tem um amor proibido
Isso é lenda de antigamente
Seu romance é muito bem resolvido
A verdade está na nossa frente

O sol não ama a lua, ama a terra
Uma terra chamada Amazona
Onde não há ódio nem guerra
Que nenhum humano doma

É um amante muito ciumento
Todo dia quer namorar
A ela não dá nem tempo
Nem sombra para refrescar

Das dez às cinco, o clima esquenta e ninguém aguenta
Nem Saara nem boca de vulcão
Panela fervendo nem 40 graus de febre
Sovaco de gordo nem língua de vizinha
Nem peito de mulher perto da menstruação
Nem propriamente o fogo e seus derivados
Nem mesmo aquele olhar que te deixa pelado
Nem matéria de capa em primeira mão
Nada nem nenhum lugar do mundo
Nem a cadeira quando você levanta
Nem o bolo que sai agora do fogão
Nem ferro ligado nem coco de criança
Dois corpos ardendo na hora do pecado
Nem o inferno com toda a legião
Nada é mais quente que o sol sobre sua Amazona
Sua Amazona, Sua Amazona
Sua com todo calor
Sua porque por mais ninguém
O sol tem tanto amor.

PRAÇA DA MATRIZ

Rito dominical

Dim-dom, tocam os sinos da catedral
É hora da santa missa na Igreja da Matriz
Entram camelô, bêbado, carola e meretriz
Dentro da praça, tudo vira cartão-postal

Que horas são no relógio histórico?
Esse que tanto marcou o passado
Hoje, todo restaurado
Guarda em si um tempo heroico

No ir e vir de cada amanhecer
A praça da Matriz é passarela
De um povo que se esmera
Em ver o sonho acontecer

Obra-prima no centro da multidão
Varanda de frente para o tudo
Dentro revestida de veludo
Fora alameda ganha-pão

Dim-dom, acabou a missa na catedral
Pela Matriz agora todo mundo passa
E alguém para para passear na praça
Senta num banco e nos dá tchau.

ENCONTRO DAS ÁGUAS

Lenda sem-fim

Era uma vez, dois peixinhos que viviam brigando
Eles eram irmãos e moravam no rio Amazonas,
Um imenso caminho d'água todo cor de nada
A mãe dos bodozinhos sempre alertando:
Meninos, meninos, já falei, parem de brigar
Ou vou colocar os dois grudados pra sempre!
Mas eles não davam ouvidos e continuavam
Bastava um tocar na escama do outro pra começar
O mais velho, todo escuro, gritava: Cara de lama!
O mais novo, meio barrento, devolvia: Merda de urubu!
Cara de lama! Merda de urubu! Cara de lama! Merda de urubu!
Um dia, a mãe levantou com tudo da cama
E cumpriu a promessa
Colocou os dois lado a lado e proibiu que dessem um nado
Nenhum podia passar para o lado do outro
Para nunca mais brigarem, a lição era essa
Mais tarde ela saiu e deixou os dois assim
Se olharam tristemente e ali permaneceram
Perceberam que brigar não leva a nada
E no silêncio fizeram as pazes entre si
O tempo passou e a mãe não retornou
Em desespero, eles imploravam:
– Mamãe, volte! Não vamos mais brigar!
Sem sair da posição que a mãe os deixou
– Volte, mamãe! Por favor, damos nossa palavra!
Choraram com tanta dor no coração
Que suas lágrimas escuras e barrentas encheram o rio
E também ficaram como a mãe ordenara
Para que ela visse quando voltasse
Que eles não tinham desobedecido
Que ainda estavam como ela deixara
Mas ela nunca mais voltou
Foi pega por um pescador
E o sinal ficou no rio para sempre
Porque, até hoje, Negro e Solimões estão lá
Do jeito que a mãe Natureza mandou.

AMARELINHO

Da cor da gente

Depois do expediente é a orla da vez
Cerveja gelada e pagode pro freguês
Gente bonita tem toda hora
Curtindo a vida, jogando conversa fora
Na calçada beira-rio também se paquera
De madrugada faz um frio que ninguém espera
Frio quente das ventanias do rio Negro
Ninguém bate os dentes nem se vai mais cedo
Bom demais é namorar nos bancos da pracinha
Ficar lá embaixo pelos cantos ou dar uma voltinha

Tá explicado por que o povo ama essa orla:
Do sol que morena nosso rosto
À loura gelada que a moçada adora
Da pupunha que se chupa até o caroço
Ao ouro invadindo floresta afora
Da batata frita de tira-gosto
Ao tucupi que Gisela prepara agora
Da farinha do jantar e almoço
Ao dente da caboca e ao tucumã do x-caboquinho
Tudo lembra seu rosto
Tudo é Amarelinho.

O ÍNDIO

Silêncio

Alguém ouve? Alguém ouve?
A última índia grita ferida
"Deixa meu povo viver!"
"Deixa meu povo viver!"
Ela clama pelo direito à vida

Já não há tribos para o avanço parar
Onde estão os pajés, as cunhãs
Nativos nus, os filhos da natureza?
Cadê o arco, a flecha, os xamãs
E nós, que não impedimos sua tristeza?

Venceu a vontade do pagador
Atenção, Júpiter, etês, purgatório!
As almas nem peçam penhor
Já tem um querendo seu território

Alguém ouve? Alguém ouve?
A índia bebeu água poluída
Ninguém avisou que o inimigo estava lá
Tirando seu chão, sua paz, sua comida
Que era o novo dono do seu hábitat

Restou apenas uma espécie que é não sei o quê
Metade nativo, metade civilizado
Cacique de bermuda querendo um trocado
No banco da faculdade a expandir seu saber

O índio está virando lenda
Como nunca, entrou pra história
Sua terra não estava à venda
Foi tomada sem honra nem glória

O índio está virando lenda
Contada em sua nova maloca

Feita da palha da celulose
Para que o homem talvez aprenda
Que o que é do outro não se evoca
Que ambição tem dose

Mas ainda resta uma esperança
A última índia está prenha
Alguém ouve? Alguém ouve?
Sozinha, ela grita de dor
Vai parir um curumim
Pode ser ele o salvador
Mas corre, índia, corre!
Tem barulho de máquina!
Corre! Aí vem o predador
Um estouro de festim
Corre, índia, corre!
Antes que seja o fim

A última índia correu e se salvou
Suja de sangue, na mata se escondeu
Por um instante, só silêncio restou
E de repente, o choro apareceu
Alguém ouve? Alguém ouve?
Ainda resta uma esperança
Um índio nasceu.

PROSAMIM

O dia em que o palhaço perdeu a graça

Durante 28 anos eu me vesti de palhaço
E saí para levar alegria ao acaso...
De todos os lugares por onde passava
Nenhum corria mais rápido para apertar meu nariz
Do que aqueles cheios de casas caindo sobre igarapés
Meninos coçando a cabeça, nariz escorrendo,
Pano branco no rosto e fome na barriga
A boca cheia de sujeira nos dentes e nas palavras
Brincando de manja-pega pela ponte de ripa
Que já tinha derrubado cinco na água podre
Jogando bola no meio do lixo e dando porrada uns nos outros
O pai bêbado enquanto a mãe amamentava o sexto, buchuda do sétimo
Todo mundo parava para se divertir com o palhaço
Quando faltava alguma menina, eu já sabia
Mais uma que ia ganhar uma boneca, ou boneco, de verdade, aos 12 anos

Mas naquela manhã foi diferente
Abri os olhos e vi outra vida
Uma bandeira raiou no céu
Não era bandeira de um homem
De um governo ou de uma causa
Era a bandeira de um povo
Era a bandeira de uma era

Os igarapés tinham secado
As casas não balançavam mais
Eram altas como as de quem vive bem
Mas ninguém que estava lá dentro
Ia passar a vida toda pagando por elas
A mãe que amamentava o sétimo
Nem pensava no oitavo
Agora tinha um comércio ali mesmo
Senti de longe o cheiro dos doces

E do seu ar de mulher social
De repente, o marido me para
E me convida para alegrar
A reunião da associação de moradores
Ele era o líder
Senti um pouco de mau hálito
Mas nem vestígio do odor etílico
Era outra vida
Era outra era

Talvez a chegada da cidade santa
E eu, dormindo, perdera o apocalipse
Continuei andando e vi
Onde era miséria agora era igualdade
Eles sempre foram como a gente
Mas ninguém percebia
Vi o rapaz que ia virar ladrão jogando futebol
Numa quadra construída no lugar de uma boca de fumo
Fez um gol, o olheiro do Nacional foi até ele
A próxima menina a sumir estudava num banco
Agora seria a próxima professora da comunidade
Vi o presente reescrevendo destinos

Um quê de Europa pairava no ar e na arquitetura
Obras de arte em forma de praças
Trazendo de volta o glamour da Belle Époque
Vi o inimaginável
Pessoas de outra classe, que antes só olhavam de longe
Gente bonita e bem vestida, não mais de trajes épicos
Agora caminhavam, se exercitavam, dividiam o mesmo espaço
Misturavam seu mundo com o daquele povo
Que até pouco atrás só tinha essa vida em sonho e na TV
Agora eram todos iguais
Uma só raça
Apesar dessa gente caminhar com o melhor tênis

E o povo, de chinelo e sapato surrado

Fiquei alegremente triste: as crianças não correram para mim
No ar puro, junto das flores, na grama,
No escorregador, na pracinha,
No passeio, no chão, correndo sem medo
Na sala, na cozinha, no quarto, no banheiro, na varanda
Enfim se descobriram crianças
E nada dava mais alegria do que isso
Era outra vida, outra era
Com um aperto no coração, olhei para a bandeira e entendi
Fui para casa e troquei de roupa
Ninguém precisava mais de palhaço para sorrir.

AMAZÔNIA

Mandamento

No princípio, criou Deus o paraíso
A água trouxe nas asas de Miguel
As flores nasceram de seu sorriso

O ar veio do sopro de Rafael
A terra, do beijo de um querubim
Enquanto isso, o anjo Gabriel

Brincava regando o jardim
Viu Deus que tudo era bom
Que nada havia de ruim

Então criou o som
Dos bichos, dos rios, da floresta
Tudo no mesmo tom

E se fez uma linda orquestra
Em todo o infinito
Nunca houve beleza como esta

Sonhando, Ele fez o mito
Contou histórias sobrenaturais
Cobra gigante, boto esquisito

Ataques de monstros e seus rivais
Mas, de repente, Deus se sentiu sozinho
Animais, minerais, vegetais

Faltava alguém pelo caminho
Então criou um semelhante
Recitando um verso de carinho

Olhou em seu semblante
E ao homem ordenou:
Tudo aqui é importante

Cuide do paraíso com amor
Mas ele desobedeceu
E do jardim Deus se afastou

Até que o ser se arrependeu
E olhou pro céu em oração
Seu coração entristeceu

Ele chorou de joelhos no chão
Naquele exato momento
Deus lhe concedeu perdão

Depois mandou um vento
De paz e fertilidade
E lhe deu um novo mandamento:

Não importa a identidade
Eu chamo Éden, você Amazônia
O paraíso é da eternidade.

Este livro foi composto pela Gráfica Zilo para Secretaria de Estado de Cultura do Amazonas, em Minion/kalinga no corpo 11/20 pro e impresso sobre papel offset 90g/m² em abril de 2012.

Quando surge um novo poeta encantado com a floresta, que se põe a cantar e decantar aquilo que vê diante de si rodeado de florestas e águas muitas, salta ao coração a vontade quase incontida de ler e declamar esta nova poesia em voz alta, fazendo ressoar pela floresta o anúncio da nova era.

ISBN 85-6509-13-9
9 788565 409133

Secretaria de Estado de Cultura

AMAZONAS
GOVERNO DO ESTADO

TRABALHANDO PARA CRIAR OPORTUNIDADES

AVISO

A disponibilização (gratuita) deste acervo, tem por objetivo preservar a memória e difundir a cultura do Estado do Amazonas. O uso destes documentos é apenas para uso privado (pessoal), sendo vetada a sua venda, reprodução ou cópia não autorizada. (Lei de Direitos Autorais - Lei nº 9.610/98). Lembramos, que este material pertence aos acervos das bibliotecas que compõem a rede de bibliotecas públicas do Estado do Amazonas.

EMAIL: ACERVODIGITALSEC@GMAIL.COM

Secretaria de
Estado de Cultura

CENTRO CULTURAL DOS
POVOS DA AMAZÔNIA